Jean Pougade, "La route des Indes et ses navires"; e Charles Marshall Smith, "Les expéditions des normands".

THOMAZ OSCAR MARCONDES DE SOUZA.

DICIONÁRIO BRASILEIRO DE DATAS HISTÓRICAS, organizado por José Teixeira de Oliveira. 2.^a edição aumentada, refundida e atualizada. Imprensa Nacional. Rio de Janeiro, 1950, 423 pp.

Um dicionário de datas históricas, evidentemente, não é tarefa de fácil desempenho; e cresce de dificuldade, no caso do Brasil, quando já temos uma obra como as "Efemérides Brasileiras", de Rio Branco, hoje fundamental na bibliografia histórica do país. Rio Branco enriqueceu seu livro de fatos políticos e militares, descrição de batalhas e lutas, mudanças de gabinete, acontecimentos, em suma, ligados mais diretamente à história político-administrativa ou militar.

É claro que a técnica das efemérides oferece dificuldades à inclusão, por exemplo, de fatos sociais ou econômicos, os quais, quase sempre, não têm uma data fixa, nem se traduzem num dia determinado, por isso que resultam, geralmente, de um processo que se vai desenrolando no tempo. O seu registro, portanto, quase sempre escapa à organização de efemérides, mais rigorosamente destinadas aos acontecimentos políticos, administrativos ou militares.

O Sr. José Teixeira de Oliveira soube contornar tais dificuldades ao elaborar seu "Dicionário Brasileiro de Datas Históricas", agora saído em segunda edição, ampliada e enriquecida de novos verbetes, além de atualizada. É de destacar, justamente, no trabalho em causa o arrolamento de numerosas efemérides ligadas à história social ou econômica. Para tanto toma como data de referência aquela em que primeiro se manifestou o fato ou se registrou o acontecimento. Vários desses verbetes têm importância para o estudo da vida social ou econômica do país: a partida de Lisboa das primeiras orfãs vindas para o Brasil (7-1-550); o toque de sino anunciando a hora de fecharem-se as portas das casas (3-1-825); a abolição do entrudo (28-2-854); o início do tráfego dos tilburis (12-10-846); o uso de lampeões na rua (14-5-853); a inauguração da estrada de ferro do Corcovado no trecho de Paineiras ao final da linha (1-7-885); a primeira escola municipal do Rio de Janeiro (4-8-872); o início das demonstrações com o fonógrafo (9-11-889); os começos da crise financeira de 1864 com a suspensão dos pagamentos da casa bancária Souto (10-9-864); o licenciamento do primeiro automóvel no Rio de Janeiro (29-8-903); a instalação da primeira rádio-difusora (7-9-923).

Outro aspecto que merece realçar-se na obra do Sr. José Teixeira de Oliveira é o arrolamento de numerosos fatos de caráter regional, igualmente de natureza social ou econômica. Evidentemente, muitos desses fatos não têm repercussão nacional; trata-se, porém, de acontecimentos expressivos no âmbito regional. E como é com a coordenação de fatos regionais que se constitui a história nacional, tais verbetes passam a oferecer o maior interesse. Lembro, por exemplo, que, no "Dicionário Brasileiro de Datas Históricas", se encontra registro acerca dos começos, em vários Estados ou cidades, da iluminação a gás ou a eletricidade, dos serviços telefônicos, do serviço de bondes, do primeiro jornal local, etc.

O primeiro jornal baiano aparece a 14 de maio de 1811; o maranhense, a 10 de novembro de 1821; o cearense, a 1 de abril de 1824; o paraibano, a 16 de fevereiro de 1826; o paulista, a 7 de fevereiro de 1827; o alagoano,

a 17 de agosto de 1831; eis algumas informações, acrescidas do nome dos respectivos jornais, que se podem respigar no livro do Sr. José Teixeira de Oliveira. Ao lado disso, outros acontecimentos regionais mereceram igualmente acolhida entre os verbetes elaborados.

Embora considerando-se apenas organizador do "Dicionário Brasileiro de Datas Históricas", o Sr. José Teixeira de Oliveira foi mais além, porque, na realidade, realizou obra de mérito, onde os senões ou as falhas, porventura observadas em relação a essa ou aquela data, são supridas pela riqueza da documentação referente a cada verbete, obtida em fontes autorizadas, de autores que estudam o assunto tratando-o em seus menores aspectos. O que não deixa de ser — assinala-se também — outro mérito do livro.

MANUEL DIÉGUES JÚNIOR.

RICARD (Robert). — *L' Islam noir à Bahia d'après les travaux de l'école ethnologique brésilienne*, in "HESPÉRIS" (Archives berbères et Bulletin de l'Institut des Hautes Etudes Marocaines), 1er-2e trimestres. Laroze. Paris. 1948. 22 pp.

Depois da publicação, em francês, do livro de Nina Rodrigues sobre **O animismo fetichista dos negros da Bahia** e das duas memórias do Père Étienne, parece que a França pouco tem ouvido falar dos problemas afro-brasileiros. Devemos, pois, manifestar nosso agradecimento ao sr. R. Ricard pelo estudo recente que acaba de publicar sobre a influência do Islão na Bahia, vista através das obras das melhores autoridades brasileiras sobre a questão.

Sua bibliografia é excelente. Somente um texto importante não foi citado; mas como este, até agora, parece ter escapado à maioria dos estudiosos, não podemos recriminar a R. Ricard não conhecê-lo: é o artigo de Protasius Friel na revista franciscana da Bahia, **Santo Antônio**, XVIII-XIX, 1940-41, "Die Seelenlehre der Gêge und Nagô". A ele voltaremos mais tarde. O livro de Luis Vianna Filho, **O Negro na Bahia**, que o autor lamenta não ter encontrado, não lhe seria de grande utilidade: aí acharia apenas a notícia de que, desde o século XVI, negros da "costa da Mina" chegaram à Bahia, podendo provavelmente ser incluídos no número dos negros islâmicos. (1)

A crítica dos dados do *Annuaire du Monde Musulman*, 1933, para a América, é das mais justificadas. Talvez tenha havido outrora 25.000 escravos muçulmanos, mas não sei como foi possível calcular este número, pois os brancos não se interessavam por seus escravos senão na medida

(1) — A bibliografia não compreende senão os textos principais dos etnógrafos brasileiros. Evidentemente poderia ser completada pelos testemunhos dos viajantes. Quero citar entre outros FRANCIS DE CASTELNAU, *Renseignements sur l'Afrique Centrale et sur une nation d'hommes à queue qui s'y trouvait, d'après le rapport des nègres du Soudan, esclaves à Bahia*, Paris, Bertrand, 1851, em que se encontram numerosas notícias sobre os negros islâmicos da Bahia, muitos dos quais trazendo os nomes de Mohammah, Mehemet, Mahannad, Mehamed, etc; havia alguns marabús, sendo que um queria até converter Castelnau! — Para a nota bibliográfica 2 da pg. 8, sobre G. FREYRE, talvez seja bom assinalar que este último utilizou provavelmente, sem citar a fonte, para a afirmação que faz, uma carta importante de GOBINEAU, então Embaixador da França no Brasil, sobre o relêvo da religião muçulmana no Rio, carta que pode ser lida em G. RAEDERS, *Le Comte de Gobineau au Brésil*, Paris, Societ, 1934, pg. 75-6.